

## O Processo de Apropriação do Espaço e Produção da Subjetividade<sup>1</sup>

Rosa Nadir Teixeira Jerônimo<sup>2</sup>  
Teresinha Maria Gonçalves  
Universidade do Extremo Sul Catarinense

**RESUMO** – Neste artigo, relata-se uma pesquisa sobre a (re)apropriação do espaço pelos moradores nativos da comunidade pesqueira de Ibiraquera, situada no município de Imbituba, ao sul de Santa Catarina, dada a recente e gradativa ocupação do local por turistas brasileiros e estrangeiros. Com o foco na compreensão desse processo, considerou-se a produção da subjetividade daqueles sujeitos segundo a perspectiva da Psicologia Ambiental. Para essa abordagem qualitativa, procedeu-se a um estudo de caso, contemplando uma amostra de 10 moradores pertencentes a famílias tradicionais. A principal técnica empregada para a coleta de dados consistiu na realização de entrevistas informais, visando ao relato de suas histórias de vida. As principais categorias de análise foram a auto-estima e o sentimento de pertença, uma vez que se constatou que a referida “invasão” vem interferindo na auto-estima dos nativos daquela comunidade, mas, ao mesmo tempo, reforçando seu sentimento de pertença e amor pelo lugar.

**Palavras-chave:** auto-estima; sentimento de pertença; apropriação do espaço.

## The Process of Space Appropriation and Subjectivity Production

**ABSTRACT** – In this article, it will be reported a research into the process of space (re)appropriation by native inhabitants in a fishing community, Ibiraquera, located in the city of Imbituba, in the south of Santa Catarina, since the place has been recently and gradually occupied by Brazilian and foreign tourists. In order to understand this process, the construction of subjects' subjectivity was analyzed within an Environmental Psychology perspective and the main goal was to understand this process of appropriation. The empirical data came from 10 inhabitants' narratives about their life stories that were collected by informal interviews. Those inhabitants belong to traditional families from the place. The main categories analyzed were self-esteem and affectedness. The results showed that the “invasion” of Ibiraquera has been causing a very unpleasant feeling of low self-esteem in its native inhabitants. On the other hand, the native inhabitants also show a strong feeling of love and identity to the place where they belong.

**Key words:** self-esteem; affectedness; space appropriation.

A Psicologia Ambiental estuda o significado do espaço e a compreensão dos processos psicossociais acionados nas interações entre as pessoas, grupos, comunidades e entornos sociofísicos. O conceito de “apropriação” surge, nessa área, como a diferenciação e matização crítica de outros, como “privacidade”, “apego”, “personalização”. Para Sansot (1996), a “apropriação” é toda a prática pela qual o homem deixa sua marca. Tal conceito está relacionado à “identidade de lugar” – “*place identity*” (Proshansky, 1976) e sempre abrange a produção da subjetividade, processo no qual a auto-estima tem lugar relevante.

A partir do sentimento de auto-estima, o ser humano “*aprende a colocar em prática os valores fundamentais do convívio: gentileza, respeito, consideração, cooperação e solidariedade*” (Maldonado, 2003, p. 19). Pesquisar sobre auto-estima requer situar determinado sujeito em um contexto afetivo que envolva a família ou as pessoas significativas, desde suas primeiras relações até outras situações constitutivas, como o lúdico, a escola e o trabalho, nos diferentes

momentos do ciclo vital e do espaço sociocultural. Nesse sentido, buscou-se aqui um caminhar por entre os espaços mais íntimos de cada sujeito, mostrando como a brincadeira, os amigos e o ambiente escolar, as atividades de lazer e as laborais enriquecem as interações e constroem a auto-estima e o sentimento de pertença dos nativos de Ibiraquera.

Por sua importância e abrangência como objeto de estudo das mais diversas disciplinas científicas, a família, primeiro grupo social formado pelos seres humanos, não constitui um conceito unívoco. Para Zimmerman (1997), são tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas ou religiosas a distinguir composições familiares, que o simples cogitar do tema já tolhe o ânimo de enunciá-lo. No entanto, em uma linguagem mais sociológica, a família surgiu como um grupo social delimitado e identificável, cujas dinâmicas internas manterão relação direta com o contexto social mais amplo ao qual pertence. Maldonado (2003) afirma que os conhecimentos recentes sobre a relevância do relacionamento familiar no desenvolvimento do cérebro e da empatia apontam claramente para o poder da expansão do amor e para a importância de plantar sementes de paz e solidariedade já no início da vida. Ao nascer, a maior necessidade de um bebê é ser recebido com amor pela família, a quem cabe dar-lhe as boas-vindas a este mundo, fornecendo-lhe a proteção e o carinho necessários a uma base de segurança e confiança em

1 Agradecimentos: À Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo apoio financeiro à pesquisa sintetizada no presente artigo, derivado da Dissertação de Mestrado de Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha Maria Gonçalves.

2 Endereço: Rua Rosita Danovith Finster, 990, Bairro Jardim Angélica, Criciúma, SC, Brasil 88804-800. E-mail: rnj@unesc.net

si mesmo. Segundo Briggs (2002), tanto o alicerce da auto-imagem quanto o da auto-estima formam-se na mais tenra infância: o início da construção dessas bases se dá no instante em que o bebê, absolutamente vulnerável, procura satisfazer necessidades que vão além da alimentação e da segurança física e encontra a solicitude de um adulto, pelo qual espera ser reconhecido, aceito e amado incondicionalmente.

Amar é educar. A educação se dá inicialmente no ambiente familiar e envolve, conforme Maldonado (2000), uma tarefa complexa, porque cada nova etapa do desenvolvimento da criança torna-se um desafio à capacidade e flexibilidade dos pais, pelo muito que deles é exigido em termos de mudança de conduta e atendimento às solicitações dos filhos. Para os pais, a arte de educar consiste, sobretudo, na possibilidade de acompanhar uma trajetória que parte de uma dependência quase total até a crescente autonomia. Maldonado (2003) complementa essa afirmação dizendo que o exercício amoroso da autoridade familiar forma a base sobre a qual a criança entende limites claros, concisos, conscientes, além de sentir-se protegida pelos pais ou cuidadores.

O ambiente escolar é o segundo espaço em que mais se atua sobre a subjetividade de crianças e jovens, pois é ali que eles desenvolvem a amizade com outras pessoas e se apegam, ou não, a elas. Nesse sentido, Tuan (1983) esclarece que o principal interesse das crianças das primeiras séries parece não ser o ambiente, mas as pessoas que nele circulam.

Outro espaço importante na construção da subjetividade da criança é o lúdico, como salientou Lebovici (1985, p. 6), explicando um pensamento compartilhado por muitos psicólogos:

*O trabalho está para o adulto assim como o brinquedo está para a criança. A presença do brinquedo ativo e espontâneo é sinal de saúde [...]. O modo como a criança brinca é um indicativo de como ela está e de como ela é.*

Sobre as sementes do amor, Maldonado (2003) afirma que a função dos brinquedos não é apenas divertir a criança, mas proporcionar-lhe a descoberta de si, dos outros e do mundo que a cerca, além de exercitar novas habilidades, dirimir medos e angústias, estimular o prazer das descobertas e desenvolver a criatividade.

Todas essas ações ampliam o sentimento de pertença a determinado lugar. Escreve Pol (s/d.) que esse sentimento deve ser tomado como o sentido de posse que um habitante tem sobre um espaço particular e a associação que se estabelece entre a posse do espaço e a auto-imagem e identidade social daquele que ali habita. Dessa forma, o sentimento está ligado à apropriação em dois sentidos: proteção e identificação. Para Tuan (1983), trata-se de um espaço dinâmico onde ocorrem as experiências cotidianas. É nessa mistura de sons, visões e odores, com ritmos naturais marcados pela hora do sol, do trabalho e da brincadeira, que tal sentimento se constrói no sujeito.

Dependendo da amplitude emocional e da intensidade com que é experienciado, o sentimento de pertencimento a determinado lugar pode ser denominado “topofilia”, a qual adquire, segundo Tuan (1980), variadas formas. Muitas vezes, a topofilia pode ser percebida na descrição de um prazer visual efêmero, no deleite sensual do contato físico,

no próprio apego pelo lugar, lar e representação do passado, na evocação do orgulho pela posse ou criação.

Por fim, os laços com um lugar são construídos a partir da cultura e geografia, das relações sociais e ambientais que nele se desenvolvem. É esse conjunto de fatores que constitui a diferenciação entre “morar” e “habitar”, evocada por Gonçalves (2002) ao dizer que, quando o sujeito estabelece apenas uma relação funcional com determinado lugar, configura-se o “morar”; mas ele de fato o “habita” quando se apropria de seus aspectos físico, simbólico, emocional e cultural. “Habitar”, portanto, pressupõe uma interação com lugares, pessoas, coisas do mundo significativo do sujeito.

## Método

Esta pesquisa se caracterizou por uma abordagem qualitativa, tendo como principal método o estudo de caso da comunidade que vive nas margens da lagoa de Ibraquera, no município de Imbituba – SC. A amostra foi composta por 10 sujeitos, entre os mais idosos e os jovens, oriundos de cinco famílias que habitam o bairro desde que foi criado.

O contato inicial com a comunidade foi feito por passeios entre moradas antigas e paisagens, com o acompanhamento de um informante qualificado, conhecedor de todos, a quem foi logo explicado o interesse pela pesquisa e quais os sujeitos que mais poderiam contribuir para o seu êxito. Esse período de coleta de dados, gravados e registrados num diário de campo, aconteceu em julho de 2005, e as entrevistas informais, com o intuito de ouvir o relato das histórias de vida, foram realizadas de março a julho de 2006.

Norteou a investigação uma atitude ética que envolveu sigilo, anonimato, privacidade e direito à recusa de participação a qualquer momento. No dia da entrevista, foi lido e esclarecido aos participantes o termo de compromisso livre e informado, aprovado pelo Comitê de Ética da UNESC, com base na Resolução 196 (1996).

A análise dos dados seguiu três etapas interligadas, conforme a proposta de Minayo (2002), baseando-se na compreensão das falas dos sujeitos e nos conceitos de auto-estima e sentimento de pertença: 1) sua *ordenação* passou pela transcrição das gravações, devolução e validação dos sujeitos, releitura do material, organização dos relatos das entrevistas, das anotações do caderno de campo e dos dados da observação; 2) sua *classificação* fundamentou-se nas categorias: sentimento de pertença e auto-estima; 3) na *análise final*, estabeleceram-se articulações entre os dados das entrevistas e os conceitos constantes da literatura sobre o assunto, com o objetivo de verificar como vem ocorrendo, naquela comunidade, o processo de apropriação do espaço pela construção da subjetividade.

## Resultados e Discussão

### Produção da subjetividade: o sentimento de auto-estima do nativo

Na comunidade de Ibraquera, a constituição familiar tem características tradicionais, segundo a visão apresentada por Prado (1981). As famílias moram próximas umas das outras, o que, por um lado, favorece a colaboração mútua, mas, por

outro, pode acarretar problemas, se os limites de privacidade forem desrespeitados, como alegaram os entrevistados. Essas polaridades de estar perto ou longe das pessoas significativas configuram situações relevantes no processo de construção da auto-imagem e auto-estima dos sujeitos, pois lhes propiciam a certeza de pertencer, física e afetivamente, a esse espaço. Como diz Claval (1999), é no seio do grupo familiar que a criança aprende que não está só.

O espaço constitutivo daquelas famílias é permeado de amor e, segundo os sujeitos mais idosos, os irmãos também representam carinho e cuidado (Maldonado, 2003). Os momentos de proximidade entre eles são preciosos no estabelecimento de uma rede solidária, fraterna, da qual resulta o compartilhar não apenas da casa e dos pais, mas das histórias de vida, experiências, brincadeiras, costumes. Assim como os irmãos, os pais foram reconhecidos como as figuras parentais mais significativas na vida dos nativos. Ao se reportarem à infância, os pesquisados recordam suas atitudes de amor, confirmando as palavras de Briggs (2002, p. 17): “*Não basta dizer para a criança que ela é especial. A experiência é que importa. Ela fala mais alto do que as palavras*”. A bondade, o cuidado e a dedicação materna foram pontos decisivos em muitos momentos de atribulação daquelas famílias. A mãe, segundo Tuan (1983), é sentida como o primeiro lugar da criança, seu centro de valor, alimento e apoio.

Portanto, o sentimento de estima, na fala dos nativos, encontra seu significado na apreciação do valor de algo ou alguém. Assim, entre todos os espaços vitais, o familiar constitui a primeira semente de amor, a base para a capacidade de amar os outros e atingir, sem medo, objetivos dignos. Tais espaços estão ligados à superação das dificuldades de cuidar dos irmãos menores e à manifestação da alegria por aprender a generosidade. Maldonado (2003) chama a atenção para o fato de que, nos primeiros anos de vida, as pessoas são capazes de desenvolver empatia e desejo de cooperar. Então, se receberem boa orientação e as condições físicas, afetivas e sociais adequadas, crescerão como seres pacíficos e solidários, capazes de contribuir para a grande e necessária mudança da consciência coletiva.

Por outro lado, nas famílias mais antigas de Ibiraguera, como relataram os idosos, a disciplina se baseava no medo, decorrente de surras, olhares repressores e outras demonstrações do autoritarismo paterno. Quando essas situações aconteciam, a mãe desempenhava o papel intermediário entre pai e filhos. Porém, essa forma de disciplinar os filhos sofreu modificações ao longo do tempo. Os idosos criaram seus filhos segundo a educação que receberam, mas ajustaram-na e se abriram a novas possibilidades, como afirma Maldonado (2003), fazendo despertar, pelo cuidado a outras crianças, aquelas que existiam em si mesmos. Um dos idosos mostrou-se especialmente sensível à inteligência das crianças e ao seu poder de compartilhar com outras as brincadeiras e o sofrimento. Entre as crianças de Ibiraguera, havia essa cumplicidade que as protegia da disciplina da época. Essa experiência remete novamente a Maldonado (2003), considerando-se que as crianças observam e aprendem umas com as outras os comportamentos adequados ou não, além de adquirirem habilidades e competências.

Damergian (2001) alega que o sujeito é um ser desejante, detentor do direito à satisfação das necessidades básicas, materiais e imateriais, ao reconhecimento como cidadão, à

possibilidade de ter emprego, moradia, educação, dignidade e à reciprocidade no amor. Na comunidade pesquisada, observa-se, de fato, um convívio de amor e de solidariedade, mantido à revelia do “progresso”, tal como é entendido por Sennett (1998), trazido pelos forasteiros. Pode-se aqui pensar no conceito de “mãe-sociedade” (Damergian, 2001), aquela que favorece ou desampara os cidadãos, por exemplo, no que diz respeito à educação formal. A falta de acesso a essa educação repercute negativamente na auto-estima de alguns nativos, remetendo ao conceito, também empregado por Damergian (2001), da “valência positiva”: a capacidade de superação de problemas e auto-confiança.

No caso sob enfoque, as mudanças do espaço físico e social advindas do turismo e das novas exigências do mercado profissional globalizado exigem dos jovens um preparo educacional efetivo. Nesse sentido, a primeira dificuldade a enfrentar é a inexistência de escolas de ensino fundamental e médio na comunidade e a conseqüente necessidade de deslocamento a outras localidades onde elas existam. Como grande parte dos jovens de Ibiraguera estuda em colégios públicos de Imbituba, sua reclamação se estende ao ensino superior, seja pelos altos custos ou pela deficiência do ensino público no Brasil, sentida também por eles no momento de concorrer a uma vaga em universidades federais.

Na linha do direito ao estudo e às brincadeiras, idosos e jovens relataram, com entusiasmo, os jogos infantis, especialmente os coletivos e de rua, nos quais se evidenciam a apropriação do espaço e o sentimento de segurança quanto ao lugar de pertencimento. Tuan (1983) argumenta que as crianças se tornam gigantes em seu mundo de brinquedos. A curiosidade faz nascer, nelas, a idéia de lugares, que se torna mais específica e geograficamente situada à medida que crescem. Dentro ou fora de casa, as brincadeiras acentuam as localizações, aumentam o interesse pela distância e a consciência de sua relatividade. Entre as brincadeiras coletivas mais comumente exemplificadas, por desenvolverem o conhecimento da geografia e do próprio corpo, estão: o pega-pega, o esconde-esconde, a ré, a roda, o boi-de-mamão, a bola de gude, o futebol, a canoa, o laçar cabrito, às quais foram acrescentados o *surf* e o *skate*.

Porém, os espaços atuais tomaram outras dimensões para crianças e jovens de Ibiraguera no que se refere ao lazer. A insegurança dos novos espaços e a entrada dos brinquedos virtuais acabaram, de certa forma, por isolar essa população do espaço coletivo, tão bem apropriado pelas gerações anteriores. A segurança constitui um dos fatores significativos na elevação da auto-estima, tanto na relação do sujeito com os outros, como com seu ambiente. Embora os nativos se sintam bem e tenham orgulho de viver em Ibiraguera, a presença atual de estranhos cria uma desarmonia em relação a esse espaço, principalmente por conta da violência que chega com alguns deles. Os forasteiros, na visão de Sennett (1998), vão construindo um novo tecido social, ao introduzirem padrões socioculturais em comunidades que podem ou não assimilá-los ao seu sistema de valores, crenças, tradições, atitudes, nas relações com as pessoas e os ambientes. Por isso, também lá, existe um sentimento ambivalente quanto aos forasteiros, prevalecendo o estranhamento e a insegurança.

Essa desconfiança se soma à falta de respeito, voluntária ou involuntária, com que os turistas tratam os nativos e ambas

repercutem na determinação da auto-estima dos moradores e em sua avaliação sobre o que cada um é ou representa na comunidade. Essa situação conduz a Katafiasz (1996), ao dizer que a auto-estima penetra no âmago da identidade pessoal, levando consigo a crença de que se é aceito e respeitado com todos os sentimentos, sensações e diferenças. A auto-estima toca o íntimo da identidade individual e, nesse caso, da identidade coletiva, já que se constrói nas relações com os grupos significativos presentes no espaço de vida dos sujeitos.

O trabalho é outro espaço fundamental à troca e aprendizagem, pois, por meio dele, o sujeito cria laços afetivos que elevam ou diminuem sua auto-estima. Seguindo a regra, o trabalho sempre teve função importante na vida dos nativos, ligada à sobrevivência. Para os idosos, trabalhar é motivo de orgulho, pois foi no exercício de seu ofício que venceram as dificuldades e criaram os filhos. Os cuidados dos pais nativos, demonstrados em grande parte pelo trabalho ensinado aos filhos, contribuíram para que a auto-estima fosse se desenvolvendo, à medida que as crianças se viam como participantes da família e da comunidade.

Porém, não somente de trabalho vive o sujeito de Ibraquera. Além das brincadeiras de infância, os bailes, os passeios e as festas compõem o cotidiano local, questão relevante quando se fala de auto-estima, pois é também nos momentos em que essas atividades são desenvolvidas que as pessoas se integram ao grupo. Elas precisam de experiências de vida que lhes provem serem dignas do amor e respeito de seus pares, como afirma Briggs (2002). A busca de diversão, para as gerações pesquisadas, fez com que ultrapassassem as próprias fronteiras e estabelecessem novas relações, mas valorizando, ainda mais, o lugar onde nasceram. Nos encontros propiciados pela busca do lazer, surgiram muitos namoros entre os jovens, nativos e turistas. Para os idosos, o casamento e a formação da família no espaço restrito da comunidade, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, mas considerando-se as alegrias vividas, permanecem como determinantes de uma auto-estima elevada. A principal razão disso é o orgulho que sentem por terem construído sua vida sem dispor de herança, com esforço, fé, coragem e espírito de colaboração.

O valor do compromisso cumprido na criação dos filhos marca profundamente a auto-estima dos idosos. Além disso, eles se sentem fortalecidos por terem saldado as dívidas do início da vida conjugal, graças à lavoura e à pescaria. Embora esse trabalho visasse basicamente à sobrevivência material das famílias, o dinheiro era também destinado a outros fins, como a recreação, cuja importância está respaldada em Branden (1998), quando diz que a pessoa com elevada estima confia em sua capacidade de pensar e enfrentar os desafios da vida, mas também acredita em seu direito à felicidade, pois se reconhece merecedor, digno e qualificado para expressar suas necessidades e desejos e desfrutar dos resultados de seus esforços. Assim, a velhice dos entrevistados é marcada pelo senso de gratidão, orgulho pelos filhos criados, de ser amado e ter a família por perto se dela necessitar. Vêm-na, ainda, como um momento do ciclo evolutivo, no qual continuam valorizados e incluídos pela disposição física para o trabalho, pelo prazer em realizar atividades laborais, pela manutenção do bom humor. As experiências de vida dos idosos mostraram que os conceitos de auto-imagem e auto-estima, núcleos da personalidade, integram experiências passadas e presentes.

Eles não se desenvolvem de maneira rápida ou unitária, mas em um longo processo, que só termina com a morte. Envolvem as circunstâncias dinâmicas dos diferentes momentos por que passa um indivíduo.

Pôde-se perceber que a vizinhança também constitui um valor essencial para os habitantes de Ibraquera, também observado por Tuan (1980), ao afirmar que a estima das pessoas por seu bairro depende mais da amizade e do respeito que cultivam com os vizinhos do que das características físicas do local. Ser um bom vizinho requer atitudes de solidariedade e reconhecimento do lugar onde se vive. E essa é uma característica dos habitantes de Ibraquera que adquire especial relevância em termos dos modelos significativos configurados pelos nativos, por meio dos relacionamentos estabelecidos com aquelas pessoas que lhes são mais caras. Briggs (2002) reforça a pertinência das atitudes da vizinhança no que se refere à auto-estima, alegando que as pessoas com auto-estima elevada têm essa capacidade de superar as adversidades de vida, definir objetivos para si, não se centrar em si mesmas, olhar ao redor e buscar o bem-estar daqueles que as cercam. Verificou-se que a auto-estima dos nativos está ligada ao laço emocional com o lugar e seus contêrreos, da infância à velhice, social, afetiva e culturalmente.

### **Sobre o sentimento de pertença, por meio da construção dos laços com o lugar**

Assim, a permanência dos nativos na comunidade de Ibraquera se deve a um enraizamento no lugar onde nasceram, cresceram, construíram lembranças e desenvolveram afetos, sentimento reforçado pelo fato de os idosos sempre trabalharem com a terra e o mar: “*Sua vida está atrelada aos grandes ciclos da natureza: está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas*”, como fala Tuan (1980, p. 112).

Para os idosos, esse lugar conta a história passada e presente de suas vidas. O pomar, o caminho, o bambuzal, a fonte, a casa onde nasceram e foram educados são lembrados nas figuras parentais, nos lugares mais íntimos, na proteção e na identificação, muitas vezes trazendo à tona um sentimento de nostalgia. As primeiras casas, aquelas construídas no início da vida conjugal, diversas vezes motivam o desvio do caminho, para encontrá-las além das recordações, das pescarias e da família.

O sentimento de pertença do habitante nativo tem, por referência, a lagoa e as praias do Luz e do Rosa, lugares descritos por todos como componentes naturais da afeição por Ibraquera, sendo inclusive os que mais atraem turistas e novos moradores, em movimentos que agradam e desagradam aos nativos.

A lagoa lembra a época da abundância de peixes, das pescarias que começavam ao anoitecer e adentravam a madrugada. Para os idosos, a lagoa representa o espaço do alimento que completava o obtido na lavoura. Também traz a consciência de um passado de superação e, conforme Tuan (1980), torna-se um elemento relevante do sentimento pelo lugar, demonstrado pela ênfase que os nativos dão às suas raízes. Entre os mais jovens, a lagoa é onde podem espiar e pescar a tainhota e o carapicu, para comê-los fritos com pirão d'água, além de promover a aproximação entre pais e

filhos. Também é o lugar que os olhos não cansam de admirar, inspirando a fruição, a ativação dos sentidos, a tranquilidade da alma. Sem falar que é nela que se alimentam as necessidades biológicas, psicológicas e até as espirituais, como diz Tuan (1983). As experiências íntimas com o lugar fluíram nas entrevistas, permitindo que os sujeitos se dessem conta de sentimentos intensos e percebessem qualidades espaciais que, muitas vezes, passam despercebidas. Só tomam forma, cor, cheiro e sabor quando lembradas.

A praia do Luz é outro ponto ao qual os nativos dedicam grande afeição, por serem descendentes de açorianos, povo cujo imaginário é ricamente povoado por lendas contadas de geração a geração, criando uma aura de encantamento. Seu nome, Luz, por exemplo, é atribuído ao aparecimento mágico de luzes na praia. Essa crença nos remete a Claval (1999), para quem os mitos estão nas toponímias, que se encarregam de trazer uma dimensão sagrada ao lugar. Também esse mito distribui os homens no espaço e os vincula aos lugares. Toda geografia sagrada decorre disso, constituindo-se em outra matriz de enraizamento, banhada no tempo mítico das origens dessa população.

Na praia do Luz, encontra-se, ainda, o refúgio dos nativos que buscam a preservação natural e a calma, a tranquilidade e a segurança do encontro com os amigos, a sensação de infinito, de paz e de fascínio. Estar diante da vastidão do mar, num local pleno de significados, revela, segundo Tuan (1983), o oceano como um símbolo de infinitude que, freqüentemente, produz um efeito emocional e a sensação de um horizonte intenso. Essa praia também marca um ponto importante na história de Ibiraquera, pois nela se encontra um grande sítio arqueológico dos primeiros habitantes da região: os tupi-guaranis. Majestoso, sublime, sagrado, esse sítio foi desmontado, saqueado e profanado por curiosos e, hoje, permanece apenas na memória despertada pelos ecos de um lugar onde, atualmente, concentra-se um dos pontos de vigia da tainha.

A praia do Rosa é outro espaço destacado pelos entrevistados, por ser a que mais atrai o turismo e, por isso mesmo, estar sofrendo as maiores transformações, tanto em seus aspectos físicos quanto nos significados a ela atribuídos pelos nativos. Com todo esse movimento gerado pela ocupação turística, a Praia do Rosa vem perdendo seu referencial identitário para os nativos, principalmente entre os jovens, uma vez que eles relatam sentimentos contraditórios de hostilidade e amor pelo lugar. Remetendo a Tuan (1983), é possível observar que o espaço da praia do Rosa é caracterizado pelos turistas como um símbolo de prestígio, riqueza e poder para os grandes empreendedores imobiliários. O Rosa é cercado por costas à beira da praia, com areias brancas e duas lagoas. Abrigava poucas famílias nativas e ainda possui um dos recantos mais propícios à pesca da tainha. Com o crescimento desenfreado e a transformação dessa riqueza natural em ambiente construído, o ritual da pesca da tainha está ameaçado, transformando os laços afetivos dos seus habitantes em sentimentos ambivalentes. Os ambientes construídos nas encostas do morro, mansões, pousadas e restaurantes, produzem nos nativos a estranheza e o desprezo, confirmando o que diz Tuan (1983), ao enfatizar que o ambiente construído exerce um impacto direto sobre os sentidos e sentimentos humanos.

Apesar das transformações físicas, sociais e culturais que vêm ocorrendo em Ibiraquera, verificou-se que os nativos possuem um forte sentimento de pertença ao lugar, seja

pela beleza, seja pelo sentido de lar, onde permanecem suas maiores alegrias: a família, os amigos, a natureza e todas as histórias que entrelaçam esses elementos.

## Considerações Finais

Considerando-se o processo de apropriação do espaço pela construção da auto-estima e do pertencimento ao lugar onde nasceram e vivem os habitantes de Ibiraquera, verificou-se que seu desenvolvimento tem início nas relações afetivas familiares e, em seguida, na conquista de espaços na vizinhança, compondo o ambiente sociocultural e afetivo, singular e coletivo, da comunidade. A dificuldade de acesso à educação formal e a insegurança com a chegada dos estranhos atuam como fatores negativos no resultado desse processo, o que, contudo, não impede que a educação familiar, os espaços lúdicos da infância, a diversão na juventude e a solidariedade, traço de personalidade dessa comunidade, visível na formação de seus vínculos amorosos, cooperativos e organizativos, atuem positivamente na construção da auto-estima dessas pessoas.

Constatou-se uma afeição especial à lagoa de Ibiraquera e às praias do Luz e do Rosa, lugares reconhecidos pelos laços afetivos, laborais e de lazer estabelecidos ao longo do tempo. Na lagoa e na praia do Luz, os nativos encontram-se e interagem com naturalidade, sentindo-se aceitos pelo que são e desfrutando da solidão e da paz, tão importantes para a manutenção da auto-estima de qualquer ser humano. Em relação à praia do Rosa, reconhecem sua beleza, mas sabem que é nela que a partilha do pescado tem sido ameaçada pelo turismo e por parte dos nativos que, aos poucos, já não reconhece os seus. Relacionando esses aspectos ao objetivo central desta pesquisa, compreendeu-se que os habitantes nativos se apropriaram do espaço em que nasceram e cresceram, pois nele trabalham, sonham, convivem. No entanto, sofrem com as dificuldades de acesso ao mundo globalizado, embora preservem valores, tradições, espaço físico, sociocultural e afetivo. Vivem uma situação paradoxal: agradecem à generosidade divina pelas belezas naturais e, ao mesmo tempo, amaldiçoam aqueles que destroem esse paraíso. Em decorrência disso, sob muitos aspectos, observam-se subjetividades fragmentadas diante do novo. Contudo, essa comunidade pode ser vista como a tribo da perspectiva de Beck (citado por Nitschke, 1999, p. 189):

*Um grupo de pessoas que se acham próximas a grupos étnicos, que não chegaram nunca a perder sua relação com a terra, o sol, a lua, o vento, a água, o fogo, com o toque, a alegria, o prazer de conviver, de trocar coisas primárias.*

Quanto à contribuição trazida à Psicologia Ambiental, esse estudo mostrou que há um grande espaço de atuação nas comunidades tradicionais que ainda habitam a área litorânea brasileira que vem sendo ocupada pelo turismo. Há muito para aprender com essas comunidades, vítimas de um intenso movimento contra sua identidade, mas ainda lutando por sua preservação.

## Referências

- Branden, N. (1998). *O poder da auto-estima*. São Paulo: Saraiva.  
Briggs, D. C. (2002). *A auto-estima de seu filho*. São Paulo: Martins Fontes.

- Claval, P. (1999). *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC.
- Damergian, S. (2001). A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. Em E. T. O. Tassara (Org), *Panoramas Interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. (pp. 86-120). São Paulo: Educ/Fapesp.
- Gonçalves, T. M. (2002). *O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma –SC)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Katafiasz, K. (1996). *Terapia da auto-estima*. São Paulo: Paulus.
- Lebovici, S. (1985). *Significado e função do brincar na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Maldonado, M. T. (2000). *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo: Saraiva.
- Maldonado, M. T. (2003). *As sementes do amor: educar crianças de 0 a 3 anos para a paz*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- Minayo, M. C. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Ministério da Saúde. (1996). *Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996*. Brasília: Diário Oficial da União.
- Nitshke, R. G. (1999). *Mundo Imaginal de ser família saudável: as descobertas dos laços de afeto como caminho numa vigem no cotidiano em tempos pós-modernos*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Pol, E. (s. d.). Cognición, representación y apropiación del espacio. Em L. Iñiguez & E. Pol (Orgs. ), *Monografias psico-socio ambientales* (pp. 45-62). Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions.
- Prado, D. (1981). *O que é família*. São Paulo: Brasiliense.
- Proshansky, H. M. (1976). *Appropriation et nonappropriation (misappropriation) de l'espace*. [s.l. :s.n.].
- Sansot, P. (1996). *Poétique de la Ville*. Paris: Armand Colin.
- Sennett, R. (1998). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tuan, Y.-F. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Tuan, Y.-F. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.
- Zimmerman, D. E. (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Recebido em 19.12.2006

Primeira decisão editorial em 20.06.2007

Versão final em 20.07.2007

Aceito em 13.03.2008

